



«Uma história
arrebatadora de uma
das mais escaldantes
autoras do momento.»

RT Book Reviews

A Submissão
de
Lily

Autora bestseller do New York Times

MONICA MURPHY

TOP
SEL
LER

*Ao meu marido: amo-te.
Bem hajas por seres como és.*

Aqueles que querem ser vulneráveis
movimentam-se por entre mistérios.

THEODORE ROETHKE

Capítulo 1

Max

Detesto trabalhos de *babysitting*, embora não saiba se devo classificar esta tarefa concreta como tal. Raramente os aceito porque são tremendamente chatos, mas o dinheiro é bom demais para lhes conseguir resistir. Se aceitasse todos os trabalhos de treta que me aparecem, por aquilo que me propõem pagar, já estava bem rico só por chafurdar no mundo sórdido desses trabalhos.

Perseguir mulheres que enganam os maridos. Surpreendê-las em situações comprometedoras. Segui-las e fotografá-las. Para depois me sentir repelente ao revelar essas fotografias e ver o meu cliente enfurecer-se cheio de raiva ou cair em desespero por entre lágrimas.

Trabalhos como estes são às dúzias e baratos.

Não, obrigado. Tenho a sorte de poder escolher os trabalhos que aceito. No entanto, embora tivesse vontade de aceitar este, não fui propriamente eu que o escolhi. Foi ele que me escolheu.

Também me deixou intrigado. Ela intrigou-me. Não que alguma vez eu fosse capaz de o confessar a alguém. Tenho a minha integridade. Uma imagem a defender e manter, especialmente quando se trata do meu negócio. Não sou do tipo de deixar que seja o meu companheiro entre pernas a tomar decisões de negócios por mim, mas esta mulher... é diferente de qualquer que já vi.

Assim que vi a sua fotografia, soube isso.

Observo-a agora, do meu lugar na coxia do avião, sentado cinco filas mais atrás. Ela ocupa também um lugar na coxia do lado oposto

e eu consigo ver perfeitamente o seu perfil se me inclinar um pouco para a frente, que é exatamente o que estou a fazer. É perturbador como parece tão diferente das fotos que vi dela na Internet a noite passada enquanto fazia a minha pesquisa.

Enquanto as inúmeras imagens na minha pesquisa no *Google* apresentavam uma mulher tremendamente sensual, com pouca roupa e que fazia o que muito bem entendia em Manhattan, esta mulher que observo agora está sossegada. Submissa. Usa um daqueles fatos de treino pretos com motivos brancos, com a palavra «PINK» estampada em lantejoulas brilhantes sobre as suas belas nádegas. Está em perfeita harmonia no avião, semelhante a qualquer outra mulher da sua idade. Não parece a herdeira estupidamente rica que na realidade é.

Quando entrou a bordo tinha o capuz sobre a cabeça e usava óculos de sol, como se estivesse a tentar ocultar a sua identidade, embora pelo menos para mim ela fosse óbvia. Os meios de comunicação não a largam, andam sempre na sua esteira, pelo que o seu modo incógnito não deveria ser uma surpresa.

Mas considerando que vestia algo tão diferente do seu estilo habitual, imaginei que depois de estar confortavelmente instalada acabaria por tirar o capuz e revelar o seu longo cabelo castanho, realçado por algumas madeixas mais claras, apanhado ao alto em rabo de cavalo.

Oferecia-me uma visão atraente do seu perfil perfeito.

Um nariz grácil, lábios carnudos. Pestanas longas, maçãs do rosto salientes, queixo um pouco proeminente. De cada vez que alguém passa por ela ergue a cabeça, para logo voltar a baixar o olhar. Quase como se tivesse medo de que alguém a abordasse.

Como se estivesse preocupada que alguém a reconhecesse.

Mas ninguém a reconheceu. Ela está irreconhecível. Apostaria tudo em como a única pessoa neste avião que a reconhece como Lily Fowler... sou eu.

Assim que o avião aterra, tiro o meu telemóvel e desligo o modo voo, observando a mensagem de texto que surgiu.

Encontrou-a?

Respondo com um rápido sim à minha cliente.

Está a vê-la neste momento?

Respondo de forma positiva, mais uma vez, com o olhar fixo na Lily, enquanto também ela pega no telemóvel e começa a fazer passar sucessivos ecrãs.

Procure tirar-lhe o computador portátil agora.

Ergo a sobancelha para o meu telemóvel, penso em como responder. Não posso, pura e simplesmente, pegar num objeto enquanto ainda estamos no raio do avião e fugir. Tenho de agir com subtileza. Tinha avisado a minha cliente, que era ansiosa, e demasiado insistente. Não tomo decisões precipitadas. Não sou impulsivo; não no que toca a trabalho. A minha loucura tem um método, e agir como um maldito ladrão não faz parte dele.

Ao fim de algum tempo, decido responder-lhe.

Já a informei de que não vou agir precipitadamente.

Não temos muito tempo.

Abano a cabeça devagar, erguendo o olhar para estudar a Lily antes de começar a digitar a mensagem de resposta.

Temos o suficiente. Farei o que me compete. Não se preocupe.

O avião começa a deslocar-se mais devagar à medida que se aproxima da manga de desembarque e os passageiros impacientam-se, eu incluído. Tenho as pernas dormentes. Viajar sentado numa cadeira de avião já é mau, mas para uma carcaça de metro e noventa é quase demais. Doem-me os joelhos. Até a Lily se agita e movimenta na sua cadeira, voltando a cabeça para olhar para trás, diretamente para mim. Os nossos olhares cruzam-se por um breve momento e ela desvia o olhar, como se não tivesse dado por mim.

A raiva queima-me as entranhas. A raiva e o desejo. Uma combinação interessante, que nunca tinha sentido antes em trabalho. Orgulho-me por manter a minha distância. Trabalho é trabalho. A minha vida pessoal é apenas isso... pessoal. Não que eu tenha muita. Não que eu tenha alguém nesta porcaria de vida, e é exatamente assim que eu gosto dela.

Mas a rejeição desta mulher, breve como foi, mexeu comigo. Irritou-me.

No meu telemóvel soa uma notificação.

Ela é rápida. Ardilosa. Tem de aproveitar assim que puder.

Deixo escapar um sopro. Esta está a querer dizer-me como devo fazer o meu trabalho. Tenho vontade de responder com um grande «vai-te lixar», mas não o faço. Tenho mais classe do que isso.

Sou mais rápido. Mais artiloso. Confie em mim. Farei com que aconteça. Terá aquilo que quer.

Enquanto enfio o telemóvel no bolso de trás das calças de ganga, a assistente de bordo começa a falar através do intercomunicador, dizendo-nos para permanecermos sentados até que as luzes para apertar os cintos se apaguem. Estamos no portão de desembarque; todos os passageiros estão prontos e ansiosos para agarrar as suas coisas e sair. Isto não me incomoda nada. Tenho o trólei no compartimento de bagagem, por cima do meu lugar. Posso apostar que a senhora ao meu lado morre por saltar do seu lugar, mas vou fazê-la esperar. A sua irritação é já algo de palpável. Como se isso me atormentasse.

Tenho de andar devagar. A última coisa que quero é captar a atenção do objeto do meu trabalho. Não tão cedo neste jogo.

A Lily ergue-se no imediato momento em que se apagam as luzes dos cintos de segurança, abre o compartimento de bagagem sobre o seu lugar e puxa uma mala. Pelo tamanho, é a mala do seu computador.

Com o apetecido portátil muito provavelmente guardado no seu interior.

Enrolo os dedos nas palmas das mãos, sobre os meus joelhos. Quero aquela mala. Não. Risca isso. A minha *cliente* quer aquela mala — mais o que está lá dentro. Portanto também a quero.

E farei tudo para a conseguir.

Tudo.

Capítulo 2

Lily

Senti o olhar dele em mim antes de o ver. Avaliando-me. Observando-me. Deixei-o olhar à vontade, mantendo a cabeça curvada, com os olhos firmemente presos na revista aberta e apoiada sobre as minhas pernas. Está a arruinar a minha oportunidade de conseguir um bronzamento por igual, por isso em breve vou precisar de desembaraçar-me da revista, mas por agora, é o ardil perfeito.

Finjo ler enquanto olho para a esquerda para o apanhar a observar-me. Ele ainda não se apercebeu de que eu sei. E ele é bom. Ninguém seria capaz de descobrir que ele está a espiar alguém.

Mas eu sou. Toda a minha vida fui espiada. Os meios de comunicação seguiram-me e às minhas irmãs, ao meu pai e à minha avó, desde que me lembro. Somos figuras públicas, com reconhecimento garantido quando praticamos o bem, e desfeitas em farrapos quando fazemos algo terrível.

Bom. A maioria da minha família pratica o bem. Eu sou a «algo terrível» da família. Faço coisas estúpidas com regularidade. Neste momento já o devia saber, mas afinal porquê desistir da minha reputação? Trabalhei muito para a construir desde os primeiros anos da adolescência. Além disso, é o disfarce perfeito.

Depois de todos estes anos como figura publicamente tão escrutinada, sei quando alguém tem os olhos em mim. É uma espécie de sexto sentido. E quando sei que alguém está a observar-me, por vezes monto uma encenação. Por raras vezes, confronto-o e foge a correr — ou a tirar fotos à toa com a sua câmara para poder

captar-me enfurecida com parangonas como «Lily Fowler de novo perdida!»

Sacanas.

A maior parte das vezes, finjo ignorar a sua existência. Comporto-me como se estivesse perfeitamente alheada do facto de algum fotógrafo desprezível estar prestes a fotografar-me em *topless* a tomar banho de sol (sim, aconteceu mais de uma vez) ou à beira de beijar e apalpar um tipo qualquer numa discoteca (também já aconteceu).

No entanto, este tipo... não me transmite a vibração dos *paparazzi*. Deverá ser mais velho do que eu, mas não tem mais de 30. Tem o cabelo escuro. Curto nas fronteiras, mas mais comprido em cima, ligeiramente ondulado. Uma onda sedutora que suaviza todas as linhas duras e robustas do seu rosto. Um maxilar firme, expressão dura como pedra, e os lábios... parecem poder ser também macios, mas está muito longe de poder ter uma bela aparência. Os óculos de sol ocultam-lhe os olhos, mas não preciso de vê-los.

Ainda os consigo sentir em mim.

Veste apenas uns calções de banho negros com um discreto motivo tropical branco, e está sentado numa grande toalha do hotel sobre a areia escaldante, com os joelhos dobrados e os braços em repouso sobre eles; comporta-se como quem não tem absolutamente nada com que se preocupar. Tem ombros amplos e o corpo bem cuidado e em forma. Um casal jovem passa por ele a correr, perseguindo-se como se fossem garotos a brincar e projetando areia à sua passagem, e sempre que isso sucede ele faz uma ligeira careta, mas sem outra reação para além dessa. Está sozinho. Não há outra toalha ao lado daquela em que está sentado. Não há nenhuma mulher a pedir-lhe para ele lhe passar bronzeador nos ombros, nem amigos à conversa com ele.

Estranho.

Será um fotógrafo? Fará parte dos *paparazzi*? Nesta altura já reconheço muitos deles, por isso duvido. A não ser que tenha sido enviado como um ardil para me iludir, mas, caramba, já muito pouca coisa me pode iludir hoje em dia.

Além disso, estou com uma aparência diferente do habitual, por isso duvido de que esteja a ser seguida. A personagem da garota do *jet set* ficou em Nova Iorque onde a deixei há alguns dias. Claro que tive de reservar o voo com o meu verdadeiro nome, mas as companhias aéreas não facultam essa informação aos malditos repórteres, por isso, rio-me deles.

Ontem, assim que saí do avião e senti o ar morno acariciar a minha pele, inspirei profundamente para limpar os pulmões e senti-me como se tivesse despido a minha armadura. Aqui em Maui, sou apenas uma simples rapariga em férias. Sem maquilhagem, sem joias resplandcentes, sem roupas caras, sem tipos a tentarem fazer-se a mim a toda a hora, nem raparigas a procurarem ser minhas amigas na esperança de que eu lhes traga popularidade. Deixei para trás o guarda-roupa, como uma serpente larga a sua pele.

Renascida. Fresca e imaculada.

Os meus pensamentos quase me fazem rir. Na verdade, deixo escapar uma risadinha e tenho de pressionar os dedos sobre os lábios para a reprimir. «Imaculada» é uma piada. Há muito, muito tempo que desisti da virgindade, com a esperança de que um dia encontraria alguém que me amasse. A minha bela mãe amou-me com todo o seu coração, ou pelo menos assim o afirmava.

Mas não me amava ou às minhas irmãs o suficiente para se manter viva. Ela optou por morrer em vez de criar as suas filhas. E isso dói. O meu pai já não me amava, se é que alguma vez amou. Eu tornei-me um fardo. Todas suas três filhas o eram. Éramos apenas lembranças de que ele tivera uma mulher e que ela o deixara da maneira mais cruel possível.

Em vez de procurar o amor e a aprovação da minha família, procurei-o de outras formas. Rapazes. Festas. Álcool. Drogas. Quando consegui pôr ordem na minha vida e estava pronta para fazer o que era certo pelo mundo, ninguém queria saber. Ainda me viam como a Lily do *jet set*. Por isso decidi dar-lhes o que queriam e segui em frente. Porquê desapontá-los?

Olhando pelo canto do olho, vejo que ele ainda me observa, embora desvie o olhar quando olho na sua direção. Hum! Interessante. Será ele apenas um tipo em férias, que me acha bonita?

Ele está sozinho, eu estou sozinha; faria sentido que pudéssemos juntar-nos. O *resort* em que estamos recebe solteiros e jovens casais... Hum, duvido. Ele é demasiado bem-parecido para andar a vaguear à procura de uma mulher, a não ser que seja um perfeito tarado, o que não é impossível. Será ele do tipo de ir de férias sozinho para engatar uma mulher? Parece-me que seria uma dose excessiva de esforço. E eu não estou aqui de férias. Estou em fuga. Escondo-me. Por pouco tempo. Estou farta das pessoas ou personagens erradas; não tenho a certeza de quem sabe o que fiz. Assim, em vez de encarar os meus problemas de frente, fugi de Manhattan, rapidamente.

Pego no meu telemóvel, ligo-me à net e procuro aquele estúpido blogue de moda e beleza que parece sempre fascinado com a minha vida, bem como com a das minhas irmãs. Quero certificar-me de que não estão a falar sobre mim. A última menção a Lily Fowler foi há dois dias, com uma foto minha com os lábios pintados de rosa-forte, olhos muito pintados e um vestido negro de renda, supostamente a representar a Fleur Cosméticos numa festa estúpida para... alguma coisa. Esqueci para o que era. Quando entrei no meu apartamento, já tarde naquela noite, e o encontrei todo remexido, passei-me. Não tinham roubado nada. Nem joias, nem dinheiro, e eu tinha ambas as coisas à mão, guardadas no meu *closet* mas não fechadas à chave.

Contudo, havia uma coisa que eu tinha escondido, o meu computador portátil, e suspirei de alívio quando o encontrei, arrumado entre uma pilha de toalhas de banho no roupeiro da entrada. Então, meti um monte de roupas numa mala de viagem pequena, reservei um voo pelo telemóvel no trajeto de táxi para o aeroporto e cavei dali para fora.

O telemóvel vibra nas minhas mãos, sobressaltando-me, verifico as mensagens e vejo que recebi uma da minha irmã mais nova, a Rose.

Liga-me já!

Não. Não posso fazer isso. Neste momento não confio em ninguém. Nem mesmo na Rose, e adoro-a, mas e se ela não for capaz de manter a boca fechada? Pode descair-se e dizer ao nosso pai que falou comigo. Se a pessoa errada descobre onde estou, é o fim.

Não posso correr qualquer risco.

Por isso, ignoro a mensagem e enfio o telemóvel no meu saco de praia antes de me recostar de novo na espreguiçadeira estofada em que estou sentada. A primeira coisa que fiz de manhã foi alugar uma tenda, e assim está mais do que perfeito. O serviço é inexcusável, há sempre alguém a verificar se tenho o que comer e beber, e a vista é espetacular. O sol é escaldante e há pequenas nuvens brancas e fofas sobre um céu azul e sensacional, e uma brisa percorre-me o corpo de vez em quando, refrescando-me a pele aquecida.

Paraíso.

O meu olhar desliza para o meu vigilante, que também é parte da espetacular vista. Quanto mais reparo nele mais sensual me parece. Os ombros e o peito são tão largos. Há um ligeiro vestígio de pelos escuros entre os seus músculos peitorais, e embora eu normalmente prefira os corpos depilados, há algo nos pelos do seu peito que me seduz. Fá-lo parecer tão másculo. E seja por que razão for, fá-lo também parecer um pouco perigoso.

Ou talvez seja a aura à sua volta. Há um contorno intenso nele que não consigo explicar. Parece tão inacessível, na sua expressão de granito; a sua postura é descontraída, mas consigo ver toda a energia que contém. Como se estivesse preparado e pronto para entrar em ação a qualquer momento.

Desvio o rosto, com os pensamentos preenchidos apenas por ele. Normalmente os homens perigosos não me atraem. Gosto deles descontraídos. Divertidos. Bem-parecidos e confiantes, até com uma ponta de arrogância. Os homens com quem tenho andado são parecidos comigo. Ou com a imagem que quero que todos vejam de mim. À procura de distração, sempre pronta para festas, para fazer compras, com os olhos de toda a gente postos em mim.

O meu telemóvel vibra de novo e verifico as mensagens, vejo que é de novo da Rose.

Não me podes evitar para sempre! Pelo menos diz-me onde estás.

Estudo a sua mensagem, com os dedos sobre o teclado. Quero dizer-lhe, mas não posso. De maneira nenhuma. Ela está decidida e determinada em obrigar-me a responder-lhe e eu estou igualmente decidida e determinada em ignorá-la.

Não porque o queira. O meu coração, todo o meu corpo, anseia por lhe ligar, ouvir a sua voz, por perguntar se ela está bem. Ela está grávida. A minha maninha, aquela de quem tive ressentimentos quando nasceu porque vinha colher uma parte ainda maior da atenção da nossa mãe, ia agora ter o seu próprio bebé. De um tipo que andou comigo na escola secundária. Um tipo que posso ter beijado — sem que isso me faça sentir uma perfeita galdéria —, mas se não incomoda a Rose, então não me incomoda a mim. Ela está tão deliciosamente apaixonada pelo Caden que é quase desagradável.

Tão desagradável como quando a minha irmã Violet e o noivo, o Ryder, estão juntos. Esses dois são tão... ih! A culpa é toda dele. O Ryder transpira confiança. Atração sexual. Consigo perceber porque é a minha irmã tão atraída por ele, embora me surpreenda que os dois estejam juntos. Ele parece mais do meu género, mas depois ela deixou escapar um par de segredos numa noite em que tinha bebido alguns copos de vinho a mais. Como o Ryder é dominador na cama...

Sim. Esse tipo de coisa para mim não dá. Eu gosto de mandar. Tudo o mais na minha vida ficou fora de controlo, desde que eu era criança e perdi a minha mãe. À medida que cresci, tomei consciência de que *eu sou* a única coisa que posso controlar. O meu corpo. O meu espírito. As minhas escolhas.

Portanto, sou eu quem controla, em especial no plano sexual. Todos os berros do tipo «vou fazer com que sejas minha» são para esquecer. Este tipo de coisas faz-me revirar os olhos. A sério, quem gosta disso? Talvez eu não tenha encontrado o tipo certo, mas adiante.

Pego na minha embriagante bebida tropical, aperto os lábios em torno da palhinha e sorvo-a, passeando o meu olhar pela praia, observando as ondas a espalhar-se suavemente sobre a areia. Apetece-me nadar. Quero sentir a água a redemoinhar à volta das pernas enquanto caminho para o mar. Posso deixar as minhas coisas aqui. Sei que é seguro. O pessoal do hotel vigia tudo de perto, mas e se o meu vigilante for rápido? E se ele está realmente ligado aos *paparazzi* e está só à espera de uma oportunidade para vasculhar o meu saco de praia? Não que haja lá muita coisa para além do meu telemóvel...

E o meu telemóvel é tudo para mim. Está protegido com palavra passe, mas alguém com determinação provavelmente conseguiria descobri-la. Não posso correr esse risco. Pelo menos o meu computador portátil está a salvo, escondido no meu *bungalow*, nos cantos profundos e escuros do meu roupeiro, na prateleira superior. Ninguém o irá procurar onde está.

Pouso a bebida na mesa ao meu lado e bato suavemente com o dedo indicador sobre os lábios, enquanto penso na minha próxima atitude. Não sinto os olhos do meu vigilante sobre mim e quando olho de relance na sua direção, vejo que desapareceu. A sua toalha também desapareceu, o que significa que ele se foi.

Ótimo. Ainda bem. Assim, não preciso de me preocupar com um tipo estranho a olhar para mim. Tenho coisas mais importantes em que me concentrar.

Estico as pernas, balanço-as para o lado e ponho-me de pé, com as mãos apoiadas nas coxas enquanto olho à minha volta, primeiro para a esquerda e depois para a direita. Não há sinais do vigilante. Para onde poderá ter ido em tão pouco tempo? Nem sequer o ouvi sair; o que será ele? Agente secreto?

Devo estar a preocupar-me sem razão. Deve ser apenas um conquistador que gostou do meu aspeto ou algo assim. Fiquei demasiado paranoica depois do que aconteceu. Vasculharem a vida de alguém e mexerem nas suas coisas pessoais faz-me sentir desconfortável, porém parece que isso não me deteve. Estou a fazer algo

que não devia, por isso tenho a tendência de pensar que todos os outros também estão a fazer algo de menos bom.

Abanando a cabeça, encaminho-me para a água, com a areia quente sob os pés. À minha direita há um grupo de crianças que brinca e respinga água ao longo da beira-mar, com as mãos cheias de baldes e pás coloridos. No mar, um casal com água pela cintura enfrenta a rebentação das ondas que os empurra, um para os braços do outro, e ambos riem.

Sinto um aperto no coração. Não acredito no amor, ou em casais, ou em namoros, ou em nenhuma dessas tretas. O amor é para idiotas. Apesar das radiantes vidas das minhas irmãs, e da sua firme convicção de que eu posso encontrar o mesmo, sei que isso não é para mim.

Jamais deixaria alguém chegar tão perto, para lhe oferecer o poder de me poder magoar. E recuso desistir disso.

Caminho diretamente para a água fria, sentindo um arrepio quando ela me molha os tornozelos. As minhas pernas. Os meus joelhos. Apesar do sol quente e da areia escaldante, a água está gelada, mas não me importo. Já estou mergulhada até ao umbigo e dobro os joelhos, deixando a água cobrir-me os ombros, com um pequeno grito ao sentir o frio no corpo.

As ondas ritmadas levam-me um pouco para mais longe e eu deito-me de costas na água, a flutuar, com o sol a aquecer-me o rosto e a água a redemoinhar em volta da minha cabeça. Saboreio o gosto salgado do mar e fecho os olhos, estico os braços para o lado e chapinho os dedos na água. Sabe bem. Serenidade.

Até que uma grande onda vinda do nada me arrasta para debaixo de água e me arremessa contra o fundo. Procuo esbracejar e tento equilibrar-me, com as mãos a rasparem no fundo rochoso, e sinto uma lâmina rochosa rasgar-me a palma da mão. Sinto uma dor lancinante e com os pés faço força para me afastar do fundo, procurando chegar à superfície, mas sou atingida por outra onda que me enrola e projeta para mais longe.

A água entra-me pelo nariz e pela boca e eu fecho os olhos, lutando contra as ondas. Quero gritar. Quero erguer as mãos acima

da água e fazer sinal a alguém, quem quer que seja, de que estou provavelmente a afogar-me, mas é inútil.

Não consigo.

Sou atingida por mais uma onda, embora menos poderosa, que me puxa para mais longe no mar, fazendo-me rebolar e tombar como se eu fosse uma bola ao sabor do vento. Tomo balanço apoiando os pés no fundo mar e isso dá-me o impulso de que preciso para subir. Abro os olhos e consigo ver a água sobre mim, a luz do sol filtrada pelo mar, e impulsiono-me ainda com mais força, com toda a determinação.

Uns braços fortes envolvem-me pela cintura e puxam-me acima da água, e quando a minha cabeça emerge respiro fundo, para logo de seguida começar a tossir. Sinto aqueles braços como abraçadeiras de aço à volta do ventre, firmes mas não demasiado apertados, como se o meu salvador tivesse a noção de que se me apertasse demasiado, eu começaria a tossir ainda mais. Sinto o calor do seu corpo, o seu peito forte contra as minhas costas enquanto me arrasta para a beira-mar, e deixo cair o meu braço no dele, agarrando-me a ele, com medo de que me largue.

— Está bem, princesa? — A voz dele roça o meu ouvido, profunda e rouca, com um vestígio de assento sulista. Apesar do medo e da exaustão, da dor súbita e forte que irradia da palma da minha mão, todo meu corpo formiga ao som da sua voz.

Aceno que sim com a cabeça; os dentes tremem-me, a adrenalina e o terror sobre o que acabei de experimentar parecem combinar-se, possivelmente para me colocar em estado de choque. O meu salvador reacomoda o seu braço em torno da minha cintura, com a mão espalmada sobre o meu ventre nu, e eu olho para baixo de relance para ver o seu antebraço grosso e musculado. A sua pele é dourada, coberta por um vestígio de pelos escuros, e a sua mão... a sua mão é enorme. cobre quase a totalidade do meu ventre, e eu não sou propriamente escanzelada.

Os seus dedos parecem acariciar-me a pele e o ar esvazia-se dos meus pulmões, deixando-me atordoada. Liberto-me do seu braço,

estendo a mão, com a palma para cima, e é quando vejo o profundo corte que cruza a palma da minha mão, com o sangue a jorrar livremente.

Oh, merda. Isto está mau.

— Está ferida. — Ele também repara no corte, e isso parece incitá-lo à ação. Movimenta-se muito depressa e eu claudico, impressionada ao ver o corte, o sangue, com a dor a irradiar da palma da mão pelo braço fora. — Precisamos de encontrar-lhe ajuda.

— Eu... Eu pensei que você era a minha ajuda. — A minha voz ouve-se como um som áspero sem fôlego e engulo em seco, encolhendo-me face à dor que se segue. Bebi muita água salgada e dói-me a garganta, arde-me o nariz.

— Ajuda médica — diz ele rispidamente à medida que saímos da água.

Volto a cabeça de maneira a tentar captar um vislumbre do meu salvador, mas ele é muito alto e dói-me o pescoço. Ele baixa o olhar, abrindo muito os olhos quando repara que eu estou a olhar para ele. O choque percorre-me e abro os lábios, para deixar escapar palavras roucas que me magoam a garganta.

— É você. — Ele. O meu vigilante transformara-se no meu salvador.

— Eh! — Desvio o olhar para descobrir um empregado do hotel a correr para nós, com uma expressão de puro pânico, e o meu último pensamento antes de o meu corpo ceder e a minha mente se apagar é que ele não parece nada uma grande ajuda.

Capítulo 3

Max

Valha-me Deus, ela desmaiou.

Claro. Não posso censurá-la. Há um minuto estava ótima — para lá de ótima, digo sem vergonha —, a caminhar na areia, com as ancas a bambolearem-se de uma maneira magicamente feminina que me deixara extasiado, enquanto com as mãos sobre as nádegas puxava e compunha a parte de baixo do biquíni com os dedos, como se isso ajudasse o minúsculo pedaço de tecido a cobrir toda aquela pele nua.

Não, mais como se aqueles dedos alimentassem todo o tipo de sórdidas fantasias que acordaram o meu companheiro entre pernas. Como se fosse eu que enfiava os dedos sob o seu biquíni para poder assim tocar na sua pele macia e quente. Avançando um pouco mais para encontrar algo mais do que pele quente e húmida. Pele que teria um sabor verdadeiramente inacreditável enquanto eu a lambia da frente para trás...

Sim. Lily Fowler, a garota do *jet set*, é como se todas as minhas fantasias se tornassem realidade. Quem diria? Eu tinha-a observado de diversos pontos, sob um conjunto de pequenas palmeiras, vigiando-a enquanto ela se divertia na água. O seu biquíni rosa-forte não tapa muito e o seu cabelo apanhado num rolo molhado deixa ver o seu pescoço e os ombros. Os seios comprimem-se contra os minúsculos triângulos do biquíni, e nem sequer vou voltar a falar acerca das suas nádegas, porque posso começar a parecer obcecado.

O que é verdade.

Antes que conseguisse pestanejar, as ondas arrastaram-na para o fundo e ela não emergiu suficientemente rápido, para meu desespero. Desatei a correr, dirigi-me logo para a água, mergulhei, e consegui ver o seu biquíni brilhante em poucos segundos. Ela esforçou-se e lutou contra a água, tal como eu, e quando finalmente consegui alcançá-la, ela estava quase à superfície. Ajudei-a apenas a regressar à praia.

Isto era a última coisa que eu queria fazer. Salvar o meu objeto de investigação. Ser óbvio. Não queria um encontro com ela para já. Era ainda muito cedo neste jogo e eu não podia revelar-me.

Mas também não podia deixá-la morrer enquanto a vigiava.

Entretanto, ela estava esgotada com tudo. Demasiada água engolida, falta de oxigénio, o corte na mão. E agora está dobrada sobre mim, inconsciente. Deito-a cuidadosamente na areia; o empregado do hotel, tomado pelo pânico, ajudou-me antes de empunhar o radiotelefone preso ao cinto dos calções para informar sobre o local e os ferimentos.

— Conhece-a? Ela está consigo? — pergunta quando o seu olhar se cruza com o meu sobre o corpo da Lily.

Nego com a cabeça e minto com facilidade:

— Não sei quem é, mas estava na tenda ali em cima há alguns minutos. — Aponto para o local.

O tipo mira sobre o ombro na direção da tenda antes de voltar a olhar para mim.

— Parece que as coisas dela estão lá.

— Ótimo. Talvez lá esteja também a identidade dela. — Inclino a cabeça para o lado enquanto lhe tomo a mão inerte na minha e examino o corte na palma. É profundo. Pode precisar de ser suturado. Passo com o polegar pelos seus dedos, com cuidado para não tocar na ferida. — Ou então pode procurar o nome da hóspede que alugou a tenda.

— Ah, sim. Certo. Boa ideia — diz o insípido empregado enquanto expira longa e azedamente e fixa o olhar no oceano. Parece que nem sequer deseja tratar dela, quanto mais tocar-lhe.

Por isso, avanço eu. Pressiono ligeiramente a minha mão contra o centro do seu peito, onde sinto a batida regular do coração. Os meus dedos roçam a parte lateral dos seus seios e tudo dentro de mim se aperta. A sua pele está fresca mas branda e é tão macia. Tem os olhos fechados, com as pestanas pousadas sobre a pele, como leques negros, e os seus lábios cheios abrem-se enquanto respira lenta e de forma regular.

— Bem, pelo menos respira — digo com sarcasmo enquanto afasto relutantemente a minha mão do seu peito.

— A ajuda vem a caminho — diz-me o empregado com um olhar embaraçado. — Só trabalho aqui há um mês. Este é o primeiro incidente médico com que tenho de lidar. Não sou bom neste tipo de coisas.

Quem diria.

— Mandou vir os paramédicos?

— Sim — diz, confirmando com um aceno de cabeça.

Baixo os olhos para a Lily. Ainda tenho a outra mão sob o seu ombro, soerguendo-lhe o tronco. Lentamente retiro a mão de baixo do seu corpo e deito-a com cuidado no chão, examinando-a enquanto está ali deitada na areia quente, imóvel como uma pedra. Ela é realmente bonita. Os seus seios são cheios e proeminentes, apesar de estar deitada, e as suas pernas são longas. O seu odor é maravilhoso, embora com o cheiro persistente da água salgada colada ao corpo, e sinto uma súbita vontade de a tocar de novo. De encostar os meus lábios contra os dela.

Sacudo-me energicamente. Que raio se passa comigo?

— Então ela está em boas mãos — digo enquanto me ponho de pé. Preciso de sair já daqui. O rapaz do hotel olha-me, com a boca descaída e os olhos dilatados. — Tenho de ir.

— Não pode deixá-la aqui assim comigo — começa, mas eu interrompo-o com o olhar.

— Não é este o seu trabalho? Além disso, não sei quem ela é — recordo-lhe — , e eu sou apenas um bom cidadão que por acaso salvou uma pessoa desconhecida.

— Provavelmente salvou-lhe a vida — salienta ele. — Ela pode querer agradecer-lhe quando recobrar os sentidos.

Encolho os ombros. Tenho de estar longe daqui quando ela acordar. Ela pode ter um vislumbre meu e haverá perguntas. Perguntas a que eu não quero responder. E já me expus hoje o suficiente, a olhá-la avidamente.

— Se perguntar, diga-lhe que fico contente por ela estar bem.

— Mas não sabe se ela está mesmo bem. Aquele golpe na mão é bastante mau.

E este rapaz que supostamente estará de serviço para segurança dos hóspedes do hotel também é mauzinho. É só um corte na mão. Ela não está em perigo de vida.

— Não é uma situação de vida ou de morte. — Quase termino a frase com a palavra «idiota», mas consigo conter-me. Não preciso de ofender o miúdo. — Ela vai ficar bem. Duas ou três suturas e está pronta para seguir viagem.

Afasto-me antes de ele poder dizer outra palavra, com urgência em sair dali. O rapaz chama por mim mas não olho para trás. Limito-me a manter a cabeça baixa e a mexer os pés, pontapeando areia à medida que me afasto da tentação que é a Lily Fowler.

Penso que ela nem se apercebeu de quem a tirou da água. No mínimo, espero que assim tenha sido. E é assim que preciso de manter as coisas, porque não quero, de maneira nenhuma, que ela procure encontrar-me e agradecer-me ou falar comigo.

Não para já.

Já foi mau ter-me sentado antes tão perto da sua tenda enquanto a espiava. Penso que ela deve ter reparado em mim ao fim de algum tempo e por isso me afastei. Não queria ser demasiado óbvio, mas caramba, eu precisava de me aproximar.

Ou melhor, eu queria aproximar-me.

Varrendo a nuca com a mão, dirijo-me para o hotel, praticamente a calcar os pés na areia quente. Nunca antes deixei que uma mulher me afetasse deste modo, especialmente em trabalho. Não sei porque tenho esta reação tão forte em relação a ela. Normalmente sei

como reagir fria e calmamente. Não deixo que nada se intrometa com o meu trabalho.

Mas a visão da Lily sentada naquela espreguiçadeira, com a sua pele brilhante ao sol e aqueles grandes óculos de sol de *designer* ocultando-lhe a maior parte do rosto, adicionava um ar de mistério ao intrigante *puzzle* que ela já por si é, e eu queria aproximar-me. Só uma vez.

És um perfeito idiota.

Sim, não posso negá-lo. Na minha vida já fiz coisas mais do que suficientes para provar que essa afirmação é exata.

O meu telemóvel toca e eu atendo, sabendo exatamente quem está do outro lado da linha.

— Onde está ela?

Decido dizer a verdade.

— Deitada na areia, inconsciente.

Uma forte gargalhada inunda o meu ouvido e afasto o telemóvel para evitar ouvir o seu impacto.

— O quê, já a derrubou? Você trabalha depressa.

— Eu não agrido mulheres — murmuro.

— Isso é mau. Uma boa bofetada pode fazer maravilhas.

Jesus. A minha cliente é uma perfeita imbecil de classe mundial.

— Ela quase se afogou — saliento, olhando à minha volta para ter a certeza de que ninguém está a ouvir-me. Esta é uma conversa que é melhor manter privada, mesmo que só de um lado.

— Sim, ela provavelmente merecia-o, essa cabrita — diz, com mais risos. Sinto-me enojado. Não gosto desta mulher. Não é boa pessoa. Nem por sombras. E ainda estou confuso sobre a exata razão pela qual ela quer que eu persiga o raio da Lily Fowler e me apodere do seu portátil, embora a minha cliente afirme que ele lhe pertence. Mas começo a pensar se não será mentira. E interrogo-me se não haverá algo de importante entre a Lily e esta mulher.

Pensamento interessante, e nem sequer o considero improvável.

— Ouça, não ajuda estar a ligar-me ou a enviar-me mensagens a toda a hora, para me controlar — murmuro para o telemóvel

à medida que me aproximo do hotel. Estou perto da piscina e o ruído é muito. Um pouco caótico, com música havaiana a tocar bem alto e os hóspedes a movimentarem-se por todo o lado. Preciso de sair já daqui e regressar ao meu quarto do hotel para não ter de suportar esta merda. A Lily Fowler irá ficar em repouso pelo menos algumas horas, por isso o melhor é eu tentar dormir um pouco.

— Se eu não o controlar, quem o fará? Paguei-lhe bom dinheiro para fazer este trabalho e depressa — recorda-me —, por isso, é meu direito ligar-lhe ou enviar-lhe mensagens sempre que eu quiser.

— Sim, de acordo, mas está a atrapalhar a minha estratégia. Enviarei um relatório diário, percebeu? — Não vou deixar que esta mulher ande para aí a armar-se em minha patroa. Pode ter pago uma maquia gorda de trocos que deu mais valor ao trabalho e me fez aceitá-lo, mas ainda sou eu que mando na merda do meu negócio.

— Não chega — diz com uma finalidade sombria que não posso deixar de admirar, pelo menos por uns momentos. É uma mulher com «eles» no sítio, concedo-lhe isso. — Duas vezes por dia. Uma vez de manhã, outra à noite.

Diabo. Passo a mão pelo rosto.

— Combinado — digo-lhe. — Quer o seu relatório agora ou mais tarde?

— Agora. — Parece impaciente. — Diga-me porque é que ela ficou inconsciente. Quero todos os pormenores, por obscenos que sejam. — Parece absolutamente deliciada por pensar que a Lily está a sofrer.

Assim dou-lhe tudo o que me pede, desde a minha observação da Lily enquanto preguiçava na sua tenda e consumia duas bebidas alcoólicas antes do meio-dia, até ao seu desmaio nos meus braços e à minha saída da praia deixando-a com o assustado empregado do hotel à espera que chegasse assistência médica.

— Portanto, deixou-a ficar lá, simplesmente? — pergunta depois de eu terminar.

— O que devia eu fazer? Apresentar-me e dar-lhe a conhecer que trabalho para si?

Ela engasga-se.

— Meu Deus, não. Isso seria um desastre. Já basta que ela arruíne tudo aquilo em que põe as suas mãos imundas.

Não faço a mínima ideia acerca do que está a falar e não pergunto.

— Mais tarde vou tentar saber dela. Vou perguntar e certificar-me de que está bem. — Alguém há de dizer-me. Aposto que até o tipo que deixei com ela me diria como estão as coisas se me cruzasse com ele.

— Acho bem — diz-me distraidamente, e tenho a certeza de que ela se está perfeitamente nas tintas quanto ao estado da Lily. Grande cabra.

— Logo à noite ligo-lhe e informo-a sobre como vão as coisas — prossigo sem o querer, mas tem de ser. Ela não me dá escolha.

— Posso fazer-lhe uma pergunta?

— Claro. — Estou de costas para a piscina, voltado para o mar. O sol queima-me a pele; os meus calções de banho estão praticamente secos, embora tenha mergulhado no mar há apenas alguns minutos. Apetece-me uma cerveja com um hambúrguer. Estou preso na porcaria do paraíso à espera que uma megera me dê uma valente reprimenda.

E é uma chatice.

— Afinal quando é que vai entrar em ação?

Ergo o sobrolho.

— Entrar em ação? De que está a falar?

— Quando é que vai apoderar-se do portátil? Essa é a única razão pela qual você está aí, bem sabe. Não lhe paguei para você ter umas belas férias havaianas. Você tem um trabalho para fazer — recorda-me, como sempre, com imensa gentileza.

— Eu sei que tenho um trabalho para fazer — digo, com a voz tensa — , e tal como disse há minutos, precisa de confiar em mim e deixar-me trabalhar. Isto não é um assalto. Tenho de preparar

a forma de o conseguir. — Preciso de ganhar a confiança da Lily. E depois então procurar conseguir o portátil. É a única maneira.

— Estamos a ficar sem tempo, senhor Coleman. — Não gosto nada quando ela me trata assim e acho que ela sabe disso. — Cada minuto que passa é outro minuto desperdiçado.

— Minha senhora, só chegámos ontem. Ela ainda não está sequer há vinte e quatro horas nesta maldita ilha — digo com voz firme. Não vou explicar-me e ela precisa de entender isso. — Deixe-me fazer a porra do meu trabalho.

Outro arquejo, como se a tivesse chocado com a minha linguagem. *Não me lixe.*

— Não me venha com essa merda da minha senhora. Somos praticamente da mesma idade.

Meu Deus. Então é isso que a irrita? Era capaz de apostar que ela tem à vontade mais 10 anos do que eu.

— Estou a tentar ser respeitoso. — A minha mãe deu-me uma boa educação, mas esta mulher... consegue fazer com que seja difícil mostrar-lhe até um mínimo de respeito. — Logo à noite terá notícias minhas — digo-lhe antes de desligar.

Posso jurar que a oiço balbuciar um protesto exatamente antes de o telefone ficar silencioso, e fico à espera que ela me devolva a chamada ou envie uma mensagem, mas nada disso sucede.

Graças a Deus.

Volto para o meu quarto e peço para me trazerem um hambúrguer com uma dose de batatas fritas e uma cerveja. Com uma espera de 30 minutos à minha frente, atiro-me para cima da cama e começo a passar fotos no meu telemóvel.

As fotos que eu fiz da Lily.

Há algumas furtivas no avião. As fotos estão más. Desfocadas, captadas rapidamente na esperança de que ninguém reparasse em mim. Toco no ecrã do telemóvel e amplio o seu perfil, estudando-o. A inclinação da sua testa, a forma do seu nariz, aqueles lábios carnudos e sensuais. Ela parece um pouco nervosa.

Vulnerável.

Passo o dedo várias vezes, percorrendo as fotos, e paro numa que captei dela na tenda. Está sentada a olhar para o mar. Tem a boca entreaberta, com os gigantescos óculos de sol a esconderem-lhe a maior parte do rosto bonito, os ombros direitos, os cordões do biquíni cor-de-rosa brilhante enrolados em torno do pescoço. Faço *zoom* também nesta foto, avaliando os seus seios, como uma espécie de pervertido, admirando como eles estão em tensão contra os triângulos de tecido. A minha pele aperta-se, o meu companheiro lá de baixo endurece, e tudo em mim fica em brasa.

Merda.

Atiro o telefone para a cama, passo a mão pelo cabelo, irritado. Preciso de ultrapassar esta... mulher. Ela é uma distração. Tenho um trabalho para fazer. Não posso dar-me ao luxo de permitir que a luxúria se interponha com o que tenho de fazer. A minha cliente... é uma cabra imparável. Não teria quaisquer pruridos em arruinar-me se eu não cumprisse a minha missão. Basicamente foi isso que me disse na primeira vez que nos encontrámos. Procurou seduzir-me e quando viu que eu não dava resposta, ficou fria como gelo.

Uma autêntica víbora.

Não que eu tenha deixado esta mulher assustar-me, mas... não quero arriscar. Preciso deste trabalho. Eu já antes perdi tudo. Dei cabo da minha carreira militar por causa dos meus assuntos de cama. Não posso dar-me ao luxo de voltar a fazer o mesmo.

Agarro no telemóvel mais uma vez e olho para a última foto que captei da Lily, enquanto caminhava pela praia em direção à água. O cabelo esvoaça ao sabor da brisa como seda dourada. Não tem quase nada a tapar-lhe o corpo e eu não posso deixar de admirar as graciosas curvas e a perfeição das suas nádegas. Atrevidas e redondas, cada uma do tamanho de uma mão aberta. Dentro de dias vão pertencer-me.

E não só da maneira como realmente desejo.

Capítulo 4

Lily

— Bem, bem, estás viva — saúda-me a Rose, parecendo extremamente amuada. — Espero que saibas que tenho andado muito preocupada. De facto...

Interrompo-a antes de ela conseguir dizer outra palavra.

— Preciso que me prometas que não dirás a ninguém que falaste comigo.

Ela faz uma pausa e eu consigo ouvi-la engolir em seco.

— Porquê?

— Sem perguntas. Promete-me, Rose. — A minha voz é tão firme como a minha resolução. Se ela não prometer, desligo a chamada. E não voltarei a ligar-lhe até estar de volta a Manhattan.

Contudo, não tenho a certeza de quando isso irá acontecer.

— Não posso dizer à Violet? — pergunta-me. — Ela também está preocupada. Não quero ter segredos para ela.

— Especialmente à Violet. — Ela não teria qualquer problema em telefonar-me a toda a hora, pressionar-me até à exaustão. E então depois muito provavelmente iria atribuir-me a culpa, e isso é a última coisa que quero enfrentar. — Mais ninguém pode saber onde estou.

— Mas porquê? Andas fugida ou quê? Os sítios Internet de mexericos só se interrogam acerca do teu paradeiro. — Mais uma pausa. — Então e o Caden? Eu conto-lhe tudo. Ele é a última pessoa perante quem consigo manter um segredo.

Sinto o desejo de revirar os olhos, mas não o faço. Para além do mais, seria um desperdício de esforço porque ninguém me pode ver.

Claro que ela diz tudo ao marido. Eles estão tão íntimos, tão loucamente apaixonados e mergulhados no seu pequeno mundo.

E eu estou sozinha na minha suite de hotel, com a mão ligada e um pouco inebriada pelos analgésicos. Que raio de maneira de começar as minhas chamadas férias.

— Nem mesmo ao Caden. Eu estou a confiar em ti, maninha. Só em ti, por isso preciso que me prometas.

— Está bem. — Suspira e parece vencida. — Prometo — A sua voz soa frágil e sinto uma ponta de culpa por fazê-la passar por tudo isto.

Mas imediatamente mando o assunto para trás das costas.

— Bem, de acordo. Estou a ligar-te para saberes que estou bem. Recebi as tuas mensagens e sei que estás preocupada, mas juro que está tudo bem. Em breve estarei de novo em casa — digo-lhe numa precipitação de palavras.

Não posso admitir a verdadeira razão por que lhe liguei. Porque estava assustada quando voltei a mim depois de ter desmaiado — algo que não me lembro sequer de se ter passado — e me apercebi de que estava deitada na praia, com dois paramédicos à minha volta a verificarem-me a pulsação, a limparem-me a ferida e a fazerem-me gritar com as dores. Estava tão desorientada e assustada e não tinha ninguém. Precisava de alguém que estivesse ao meu lado e me assegurasse que tudo iria ficar bem.

Estava só. Não tinha sequer o meu misterioso salvador para me ajudar. Deixara-me no momento em que desmaiei, acho eu. O empregado do hotel não sabia o nome dele; não fazia a mínima ideia de quem era, nem eu.

Levaram-me numa ambulância para o hospital mais próximo, apesar dos meus débeis protestos. Felizmente não precisei de ser suturada, apenas alguns pensos hemostáticos para manter a ferida fechada e a mão ligada com gaze branca e uma estranha luva com a aparência de uma rede de pesca que mantinha tudo no seu lugar. Receitaram-me um antibiótico e um analgésico e aviaram os medicamentos logo na farmácia do hospital antes de me mandarem seguir caminho.

Fora uma experiência aterradora. Tão horrivelmente verdadeira, já que foram poucas as vezes em que tive de lidar com o mundo real. Foi como se tivesse vivido toda a minha vida a fingir, e quando as coisas por fim ficaram feias e eu não podia fugir, conforme o meu modo de operação normal, não soube como proceder.

Foi por isso que procurei falar com a Rose. Precisava de ouvir a sua voz, precisava que ela me prendesse à terra e me recordasse que tenho alguém com quem posso contar.

E neste exato momento essa pessoa está mais do que irritada comigo.

— Podes crer que estava preocupada. Sei que antes já fizeste este tipo de coisas, simplesmente... desaparecer num impulso e não dizer nada a ninguém. Mas não respondeste às minhas mensagens durante *dias* — diz, enfatizando a última palavra.

Sustenho o suspiro que quer escapar-se. Ela está a exagerar, algo que por norma faz muito bem.

— Foi apenas um par de dias — sublinho.

— Pareceu mais tempo. A noite passada *chorei*, Lily. Não sabia onde estavas, as minhas hormonas andavam todas à toa e o Caden ajudou-me, fez o possível por me consolar enquanto eu chorava por ti.

E eu a pensar que seria a Violet a lançar-me as culpas.

— Ainda nem sequer és mãe e olha para ti. Fazes-me sentir destrozada por não te ter contactado mais cedo.

— Eu *sou* oficialmente mãe, apesar de o meu filho ainda não ter nascido — diz, irritada — , por isso, sim, tenho todo o direito de fazer com que te sintas culpada. E só para que saibas, a Violet também tem estado perturbadíssima. Não acredito que não me deixes dizer-lhe que me telefonaste.

— Não podes de maneira nenhuma dizer-lhe — reafirmo, com voz decidida. Faço-lhe sentir o papel de irmã mais velha e não quero saber. Tenho de me proteger. — Sem querer, ela podia dizer ao pai, e nessa altura as coisas ficariam mesmo feias.

— O que importa ele saber? O que é que ele vai fazer? Exigir que voltes? Já és maior, podes fazer o que quiseres.

Sim, tudo enquanto gasto o dinheiro do papá. Bem, afinal também é o meu dinheiro. Todas nós temos os nossos próprios fundos, mas pelo menos a Violet trabalha para a Fleur. E a Rose também costumava trabalhar. No entanto, eu não. Eu sou a irmã preguiçosa.

— Talvez — digo, com voz titubeante. Não me preocupa que seja ele a descobrir onde estou.

É da Pilar que me escondo. E não posso dizer isso à Rose, pois ela ia começar a fazer-me perguntas. Perguntas a que não posso responder.

Corrijo: serão mais perguntas a que não quero responder.

— Pelo menos vais dizer-me onde estás — pergunta brandamente — e quando é que vais mesmo voltar para casa?

— É melhor não saberes. E não tenho a certeza. — Reclino a cabeça sobre as almofadas e fecho os olhos; estou exausta. Talvez seja consequência dos antibióticos ou dos analgésicos. Talvez seja o assustador fluxo de adrenalina que tomou conta de mim durante estes últimos acontecimentos. Tudo o que sei é que preciso urgentemente de dormir um longo sono.

— Oh, vá lá! Porque estás tão misteriosa? — grita a Rose. E ela que nunca grita, a sério.

— Rose, a questão... — Não posso dizer-lhe o que fiz; vasculhar a vida de alguém e depois tentar interferir com ela. E nem sequer estou a falar só da Pilar, há outras pessoas envolvidas, não só ela. — É complicada — digo sem convicção, preparando-me para mais uma birra.

Mas ela não surge.

Lembro-me da última conversa que tive ao telefone e o quanto me perturbou e estimulou a agir. O momento em que desliguei, peguei na minha mala de viagem e a enchi com roupas, reservei o meu bilhete para Maui e desandei dali para fora. Quando penso nisso, ainda me sinto assustada. Quero dizer ao meu pai o que descobri mas tenho medo de que ele não acredite em mim. Eu sou a garota que gritou excessivas vezes por socorro aos seus ouvidos.

Ele acreditaria em qualquer mentira que a cabra da Pilar lhe contasse antes sequer de pensar em escutar-me.

— Eu sei que todos nós temos os nossos segredos — diz a Rose, aparentando muito mais calma — , todos temos algo a esconder. Porém, quanto mais tempo se escondem esses segredos, mais eles nos consomem. E acabam por nos sufocar.

Permaneço em silêncio, assimilando as suas palavras. Desde quando é que a minha irmã mais nova ficou tão sensata?

— Pensa simplesmente nisto. Para ti, estou sempre aqui. Sempre que estiveres disposta a conversar, estarei pronta para ouvir — diz-me.

As lágrimas ameaçam vir-me aos olhos e eu fecho-os com mais força ainda, na expectativa de que elas retrocedam. Recuso chorar. Não sou uma chorona; nunca o fui. Deixo que o riso faça desvanecer dor. É mais fácil assim.

— Obrigada — murmuro com a voz rouca e engulo em seco. Quem me dera poder dizer-lhe. Mas ainda não posso. Se contasse alguma coisa agora, bem poderia vir a gritar por socorro de novo. Isto podia fracassar e ser esquecido.

Talvez não. Mas aconteceram coisas estranhas.

— Lily, por favor... — A sua voz enfraquece e sei que ela está morta para que eu lhe diga alguma coisa, que lhe revele a ponta de um nada que satisfaça a sua curiosidade. Sei que ela está preocupada.

Abano a cabeça e fungo.

— Não me forces, Rosie.

Quase que solta um berro quando a trato assim e começo logo a rir-me.

— És tão teimosa — murmura ela.

— Não se é teimoso sozinho — respondo-lhe, e ambas nos rimos. Fico tão satisfeita pela mudança de conversa que ela nem faz ideia.

— Diz-me, como te tens sentido? — pergunto-lhe antes que ela tente que eu lhe diga mais alguma coisa.

— Estou ótima. Por vezes enjoada ou com náuseas. Este bebé é mau.

— De certeza. Vais amar e mimar tanto esse bebé, quando ele (ou ela) nascer — digo-lhe, aliviada por estarmos a falar do bebé. Sinto o peito mais aconchegado e as lágrimas desanuviam-se. Sinto uma enorme sensação de paz ao pensar que num futuro próximo vou ser tia.

Um bebé para pegar ao colo e amar — e depois entregá-lo de novo à Rose quando o pequeno pimpolho começar a ficar inquieto ou a cheirar a cocó. É a situação perfeita. Posso amar um bebé, mas não é o meu bebé.

— Penso que é um rapaz. — A voz de Rose ganha um tom mais grave. — Espero que seja. Quero um bebé lindo e doce que seja bonito como o papá.

— Bazófia! — digo-lhe, fazendo-a rir. — Esquece o teu homem. Ele é apenas normal.

— Seja o que for, minha bruxa ciumenta.

Está a espicaçar-me. Já nos chamámos coisas bem piores, mas há algo nas suas palavras que me magoa. Dilacera-me até ao coração.

Talvez porque o que está a dizer não esteja muito longe da verdade.

— Não sabia que o casamento te tinha tornado tão cabra — devolvo.

— Por favor. É melhor limpares essa boca fedorenta antes de o teu sobrinho nascer. Tenho de ir buscar o *swear jar*¹ — ameaça. — Entre ti e o Caden, os ouvidos do bebé vão ficar a arder com tantas blasfémias.

— Não brinques comigo. Tu também não és uma santa.

Continuamos com estas picardias durante mais 10 minutos e sabe-me bem. Normal. Não me sinto tão só, enfiada no meu quarto

¹ *Swear jar*; literalmente, frasco das pragas: espécie de mealheiro que ganhou presença habitual na cultura anglo-saxónica em que aqueles que praguejam ou blasfemam têm de depositar o valor de uma multa. Quando o mealheiro está cheio o dinheiro é utilizado para fins caritativos. [N. do T.]

de hotel no meio de uma ilha tropical, encharcada em analgésicos e deprimida.

No entanto, o telefonema interrompe-se quando o Caden chega a casa. Ouço a sua voz cava perguntar como ela se sente, e depois tudo fica abafado porque ele começa a beijá-la. Ele beija-a e ela desfruta de cada momento do beijo; consigo ouvir os seus pequenos murmúrios de amor e o meu coração vacila. É como se fosse saltar-me do peito uma fúria de inveja, que é a coisa mais estúpida que pode haver, mas é assim.

Muito depois de desligarmos, muito depois de tomar outro analgésico e arrastar-me para a cama, apenas com as calcinhas vestidas, encolhendo-me quando procuro puxar a coberta para cima com a mão ferida, como uma idiota, olho fixamente o teto e reflito sobre todos os erros que cometi na minha vida até agora. Houve muitos. Uma tonelada.

E interrogo-me sobre se algum dia encontrarei um lampejo daquilo que as minhas irmãs têm.

Qual é a grande obsessão de *Lily Fowler?*

Cresci com as acusações de ser a mais irresponsável de todas as irmãs, de ser uma tresloucada que garante capas de revistas escabrosas e envergonha toda a família, de ser aquela mulher fogosa e sensual com que nenhum homem se quer casar.

A verdade é que me limito a viver cada dia como se fosse o último, procurando respeitar o nome Fowler, mas não deixando de aproveitar a vida. Sou jovem, bonita, poderosa, tenho todo o direito a ser feliz. Se me falta encontrar o amor que as minhas irmãs Violet e Rose encontraram? Talvez, mas não o procuro.

E, certamente, não esperava que a minha viagem ao Havai mudasse tudo. Max Coleman não é apenas um deus do sexo, como nunca conheci antes, ele é um homem-mistério. É a maior obsessão que já tive, com ele perco o controlo.

**O amor não respeita regras e mesmo
a mulher mais independente pode ser
submissa quando está apaixonada.**

Conheça também
as sensuais
Violet e Rose:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8855-07-7



9 789898 855077

Romance Erótico